

# GUIMARÃES ROSA E MONTEIRO LOBATO: UMA APROXIMAÇÃO INSÓLITA

*Maria Aparecida Santilli\**

## RESUMO

**P**oderá ser surpreendente fazer *pendant* de escritores, com Guimarães Rosa e Monteiro Lobato. Mas haverá, no mínimo, a procedência de ser ilustrativo do trabalho que aqui se apresenta.

Ficou, em nossa memória mais remota de leituras, que as figuras encantadoras do imaginário infanto-juvenil europeu, em sua coorte de significados, desembarcaram, com Lobato, para nacionalizarem-se em terreiro do Brasil.

Mas ficou, também, em nossa memória mais recente de leituras, que o pensamento dos antigos ou “clássicos” da Grécia, em seus sedutores achados, pousou no sertão grande de Guimarães Rosa, transfundindo-se à passagem pelas veredas da metabolização cultural brasileira. Este trabalho tem, então, o objetivo de refletir sobre tal operação, realizada no processo da alquimia literária rosiana, através de recorte estabelecido à volta do conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de *Primeiras estórias*.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa; Monteiro Lobato; *O Minotauro*; “Páramo”; “Fatalidade”.

A hipótese de aproximar escritores como o exímio ficcionista Guimarães Rosa e o notável autor de textos infanto-juvenis Monteiro Lobato soa, em princípio, como esdrúxula.

Dirigidos e, portanto, elaborados para públicos imediatos diversos, para faixas etárias distintas, os relatos desses escritores poderiam parecer incomparáveis.

Creio, entretanto, que o objetivo de aqui juntá-los confere, a este sumário trabalho, uma lógica interna, uma justificativa plausível.

Com certeza, a razão de colocá-los lado a lado não advém apenas do óbvio motivo de que são extraordinários contadores de estórias e, por isso mesmo, tão lembrados.

---

\* Universidade de São Paulo.

Sem descartar esse incentivo, a finalidade pontual de reuni-los deveu-se à sedução pela maneira com que ambos conseguem “naturalizar”, enraizar no campo do imaginário nacional o que também aprenderam de sua peregrinação por outras culturas, de sua experiência de leituras feitas, traduzível como foi, em vivências brasileiras.

Não é por acaso que a escolha de textos para este trabalho incidiu sobre estórias localizadas fora de centros urbanos, isto é, em zona rural, ali onde a cultura nacional mais se preservaria e mais tenderia a desenvolver-se por impulsos endógenos, sobretudo na época em que os acontecimentos narrados teriam ocorrido. Para compatibilizar o cenário de espaços e episódios tipicamente do interior brasileiro, ou tramar a interação destes com o próprio de contextos alheios, requer-se, evidentemente, uma competência narrativa que é digna de nota, em Guimarães Rosa e em Monteiro Lobato.

Neste processo cumpre, por um lado, sublinhar a viragem para o mundo sertanejo comum a ambos, que Antonio Candido, com certo tom de humor e ironia, registrou, em Guimarães Rosa, como provocador do alvoroço suscitado com a publicação de

**Sagarana**, um livro cheio de terra, fazendo arregalar os olhos aos intelectuais que não tiveram a sorte de nascer ou morar no interior (digo, na província) ou aos que, tendo nascido nela, nunca souberam do nome da árvore grande do largo da igreja, coisa bem brasileira. (Candido, 1994, p. 64)

Mas, por outro lado, como ainda assinala, na seqüência, Antonio Candido, a província de Guimarães Rosa, Minas Gerais, “é menos uma região do Brasil do que uma região da arte”.

De certa maneira, o sítio de dona Benta também se faz como geografia mais para a quimera, enquanto se pluridimensiona para compatibilizar ou tornar verossímil toda e qualquer aventura imaginável para os caipirinhas brasileiros de Monteiro Lobato.

Ocorre, assim, que, no terreno inflável da fantasia que tanto comporta, cabe bem fecundar a tradição européia, de diferentes épocas, lugares e fontes, mais ou menos explicitamente, como matéria prima de ficcionalização, para os dois autores.

Optou-se, também desta vez, por um conto de Guimarães Rosa, para fazer *pendant* com uma das muitas historietas que Monteiro Lobato amarra no feixe das narrativas de aventuras menineiras do povinho do Pica-pau Amarelo. Afinal, o conto, além de outras virtualidades, é solução literária que resulta em “harmonia formal minuciosa, em efeito não cumulativo mas unitário”, como entendia Poe, e que, no conto de Guimarães Rosa a considerar-se aqui, “A hora e a vez de Augusto Matraga”, traduz-se pelo impacto do percurso acelerado em vista da duração limitada por ne-

cessidade orgânica que essa forma de narrar determina. No caso da historieta de Monteiro Lobato – *O minotauro* –, a viagem do tempo de que falava Borges – aventura bizarra para uma caravana de interioranos – deixa a impressão de leveza pela inflexão do lúdico sobre o fantástico.

No “faz de conta” estruturante da narração, o “tudo é possível” desata qualquer nó, afasta qualquer empecilho que se achesse no caminho dos aventureiros, em demanda de seus arbitrários objetivos, fazendo sempre pressentir-se que, por mais e desmensuradas que possam ser as vias de solução, um “deus ex-machina” estará disponível para intervir e viabilizar o final feliz.

Mas, ainda que, nas aventuras lobatianas, as peripécias decorram nas sendas do maravilhoso e do riso, enquanto que, nas rosianas, o roteiro é por veredas realistas do trágico – portanto em trilhos de gêneros em princípio opostos, na criação literária de ambos concebem-se atores naturais do e domiciliados no Brasil, a partir de que se estabelece o denominador comum que se quer aqui examinar.

É que, tanto um quanto o outro escritor, Guimarães Rosa e Monteiro Lobato, não imaginam tais atores fechados à fecundação por aporte de genes culturais de proveniência estrangeira.

Aos dois escritores caberiam as considerações de Graciela Ravetti, quando trata de “Territórios textuais, regiões culturais: mulheres intelectuais na narrativa latino-americana contemporânea”, onde se avalia como, aceitando-se que

as fronteiras territoriais não podem ser tomadas como portadoras de estatuto epistemológico para serem usadas a modo de critérios limitadores dos processos culturais, ... os contatos entre territórios, embora marcados por ideologias nacionalistas, ... e os florescimentos extra-fronteiriços, são os processos mais interessantes. (Ravetti, 1998, p. 94)

A pesquisadora entende que o nativismo fechado e exclusivista só existe e existiu nas mentes febris de intelectuais nacionalistas que pretendiam dotar as culturas de suas comunidades de seguros de conservação, na pretensão da existência de um estado ideal de pureza e supremacia, ou postulando a existência de elementos culturais vindos de tradições antigas, privilegiando as de transmissão oral, pretendendo passar a idéia de uma certa origem intocada, suposta garantia da identidade do povo.

Mas, como Ravetti (1998), “que também toma por seu critério de trabalho, levar em conta a memória da violência com que a escrita foi imposta na época da conquista e colonização européia da América Latina, e o resgate da oralidade latino-americana para entender e apreciar as matrizes das literaturas de nosso continente”, os escritores de que aqui se trata parecem inspirados na conquista de espaços culturais, sem tais perdas.

O que fazem Guimarães Rosa e Monteiro Lobato é protagonizar, também, em seus interioranos, a heterogeneidade cultural, menos genericamente latino-americana e mais pontualmente brasileira, mesmo ou até porque se constroam fora do espaço cosmopolita dos centros urbanos. Ou seja, concentram em redutos literariamente concebidos como espaços de agregação e fermentação cultural, afluentes culturais metabolizados pela consciência narrativa unificante que confere aos textos o *made in* nacional.

Essa metabolização pode ser entrevista nas declarações de Guimarães Rosa a Günter Lorenz – da Europa como *pars mea* indissociável – pois se a Europa morresse, com ela morreria um pedaço de nós.

Essa parte da “Europa em nós” é que se pretende sumariamente focalizar, valendo por “Europa”, aqui, simbolicamente um pouco do muito alargamento extra-territorial da cultura, tão complexo e tantas vezes dito contraditório ou ambíguo, na obra de Guimarães Rosa.

A escolha de “A hora e vez de Augusto Matraga” deveu-se, mais uma vez, ao seu lugar de repositório para outro novo motivo de reflexão.

Vê-se que Antonio Candido tinha razão em procurar a obra-prima de Sagarana em “Augusto Matraga”,

onde o autor, deixando de certo modo a objetividade da arte-pela-arte, entra em região quase épica de humanidade e cria um dos grandes tipos de nossa literatura, dentro do conto que será, daqui por diante, contado entre os dez ou doze mais perfeitos da língua. (Candido, 1994, p. 64)

Muito se tem dito acerca de platonismo e neo-platonismo em Guimarães Rosa, sobretudo em **Grande sertão: veredas**. Mas, com certeza, as chamadas formas curtas, no caso o conto, dão menos espaço às reflexões ou especulações de caráter filosófico e outros. No caso de um conto de Guimarães Rosa a economia engendradora do efeito unitário de leitura perfaz-se por enxugar as passagens de metalinguagem, os excursos e digressões que encorpariam o conjunto diegético. Some-se a isso o que é característico da elaboração de sua escrita: equacionar as formas de pensamento na realização de estórias. Se o conto limita a multiplicação de “causos”, permite, ao menos, desdobrar as peripécias em segmentos de experiência vivida, perfazendo aquilo que o próprio autor denunciara na citada entrevista a Lorenz, de que assim, no jogo da linguagem, “o incompreensível deixa-se contemplar ao máximo objetivamente”.

Houve quem estabeleceu analogia do procedimento rosiano com o do Platão dos diálogos, com o narrador que assume a mesma postura do lendário rabino judeu que, perguntado pelo discípulo — Mestre, por que ensinai sempre através de estórias?, – respondeu — Bem, para te explicar isso vou ter que te contar uma estória: era uma vez...

Quase que se poderia colocar “era uma vez”, a cada novo “causo” constituído pelas mortes e ressurreições de Augusto Matraga...

É pertinente, nesta instância, estabelecer uma relação com o platonismo subjacente – vale dizer, metabolizado – nas cenas que precedem a derradeira morte de Augusto Matraga.

A preocupação de Augusto Matraga, desde sua primeira ressurreição, consistia na “salvação de sua alma”, porque o “corpo estava estragado, por dentro, e mais ainda a idéia”. Enquanto “cansava o corpo no pesado”, “dava rezas para a sua alma”, na esteira de um finalismo que as várias estórias em sua estória confirmaram como obstinação: “P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete”.

Para Álvaro Martins, em tese policopiada, **Grande sertão: veredas**, o erro de Augusto Matraga também não se confunde com “insegurança emocional ou simples dúvida”. Segundo ele, Guimarães Rosa utiliza sobretudo as metáforas e imagens, ou seja a sua linguagem, para aplicar a uma preocupação maior que é a multiplicidade do próprio sujeito, definida como o *mal* a ser superado pela aquisição da unidade, entendida como o *bem*. (Martins, 1973, p. 502)

Com Augusto Matraga, conforme se pode ver, o agente dramático, desde sua primeira ressurreição, é a tensão entre os “eus” que se digladiaram e o atormentam nessa disputa interna, verbalizada como apelos de “deus” e do “diabo”. Veja-se:

O convite de seu Joãozinho Bem-Bem, isso, tinha de dizer, é que era cachaça em copo grande! Ah, que vontade de aceitar e ir também...

E o oferecimento? Era só falar! Era só bulir com a boca, que seu Joãozinho Bem-Bem, e o Tim, e o Jurumiho e o Epifânio – e todos – rebentavam com o Major Cossilva, com o Ovídio, com a mulher, com todo-o-mundo que tivesse tido mão ou fala na sua desgarração. Eh, mundo velho de bambaruê e bambaruá! ... Eh, ferragem!...

E Nhô Augusto cuspiu e riu, cerrando os dentes.

Mas qual, aí era que se perdia, mesmo, que Deus o castigava com mão mais dura. (Rosa, 1995, v. 1, p. 452)

Essa mesma tensão, de multiplicidade do sujeito, é que se manifesta como etapa inicial de “uma concepção de homem essencialmente dinâmica e transformacionista” que explicará o epílogo de “A hora e vez de Augusto Matraga”.

Em suma, na análise minuciosa de Álvaro Martins, o que é mais constantemente sugerido é o dualismo entre o mundo inteligível das essências verdadeiras e o mundo sensível do erro, engano e ilusão. O céu é que é, ao mesmo tempo origem, fim e “situs” da alma.

A advertência do Analista é, entretanto, para ler-se isso como exercício rosiano de linguagens e não como compromisso, externo, de ordem filosófica e religiosa. O religioso deverá ser superado numa mística da experiência vivida, refundir-se num

humanismo integrador e mais abrangente (1995, p. 452), como paradigma de sua realização literária.

Por isso o mito universal do herói redefine-se enquanto se liga, aqui, à experiência existencial do sujeito individual, revelando “uma subjetividade” em processo de individualização que se explica na estória de um processo de individualização, vetorizado por um finalismo de caráter eminentemente ético. Augusto Matraga cumpre todas as tarefas que dão inteireza à vivência da transformação, inclusive as de *beau-geste* do cavaleiro medieval, no socorro aos humilhados e injustiçados como aquela representada na solidariedade ao velho, penalizado por Joãozinho Bem-Bem, que lhe custou a vida, afinal.

A advertência de Álvaro Martins para a hipótese de as obras rosianas serem lidas como exercício de linguagem fez-se aqui oportuna para pensar a questão da “brasilidade” que se pretendeu focalizar. A pergunta seria, nesse caso, a de como definir a introjeção e assimilação daquilo que foi forasteiro e, pela perspectiva de Guimarães Rosa, se nacionalizou.

Recorde-se que, na entrevista a Lorenz, Guimarães Rosa foi taxativo ao afirmar: “É lógico que existe a brasilidade. Existe como a pedra básica de nossas almas, de nossos pensamentos, de nossa dignidade, de nossos livros e de toda a nossa forma de viver. Mas o que é ela?”. (Lorenz, 1995, p. 6)

Logo mais adiante vale-se da expressão conceitual de Goethe: *Poesie ist die sprache des unaussprechlichen* (A poesia é a linguagem do indizível) e acaba por

salientar a importância irracional, inconcebível, intimamente poética, que a palavra em si contém; uma definição que tem valor para nós, para nosso caráter, nossa maneira de pensar, de viver e de sentir: brasilidade é talvez um sentir-pensar. Sim, creio que se pode dizer isto. (Lorenz, 1995, p. 6)

Recorde-se, ainda que, na mesma entrevista, Guimarães Rosa declarou que o caráter do homem é seu estilo, sua linguagem, considerando o idioma metáfora da sinceridade.

Guimarães Rosa resolveu, assim, o problema de apresentar uma definição, sua definição, deixando as ambigüidades destas falas, mais as das obras que escreveu, a seus leitores a quem, por sua vez, cabe procurar as próprias explicações.

Posto isso, tome-se uma passagem do conto, como amostra da criatividade rosiana. Que seja a do ponto de narração em que Augusto Matraga faz sua última caminhada pelas trilhas do sertão, em direção de seu fim, após o encontro com o cego do bode amarelo a que atendeu:

E aí o jumento andou, e Nhô Augusto ainda deu um eco, para o cerrado ouvir:  
— Qualquer paixão me adverte... Oh coisa boa a gente andar solto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!...

E quando o jegue empacava – porque, como todo jumento, ele era terrível de queixo duro, e tanto tinha de orelhas quanto de preconceitos, – Nhô Augusto ficava em cima, mui concorde, rezando o terço, até que o jerico se decidisse a caminhar outra vez. E também, nas encruzilhadas, deixara que o bendito escolhesse o caminho, bulindo com as conchas dos ouvidos e ornejando. E bastava batesse no campo o pio de uma perdiz magoada, ou viesse do mato a lúbia lamúria dos tucanos, para o jumento mudar de rota, pendendo à esquerda ou se empescoçando para a direita; e por via de algum gavião casaco-de-couro cruzar-lhe à frente, já ele estacava, em concentrado prazo de irresolução.

Mas, somadas as léguas e deduzindo os desvios vinham eles sempre para o sul, na direção das maitacas viajoras.

Agora, amiudava-se o aparecimento de pessoas – mais ranchos, mais casas, povoados, fazendas; depois arraiais brotando do chão. E então, de repente, estiveram a muito pouca distância do arraial do Marici.

— Não me importo! Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!...

E assim entraram os dois no arraial do Rala-coco, onde havia, no momento, uma agitação assustada no povo.

Mas, quando responderam a Nhô Augusto: — É a jagunçada de seu Joãozinho Bem-Bem, que está descendo para a Bahia... – ele, de alegre, não se pode conter: Agora sim! Cantou prá mim, passarim!... (Rosa, 1995, v. 1, p. 452)

Pelo quanto se leu, neste conto, o mito pessoal de Augusto Matraga formulou-se pelo padre do “sermão comprido” que o atendera, no resgate sucessivo à sua perdição:

Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua. (Rosa, 1995, v. 1, p. 452)

Esta fórmula, tantas vezes repetida, sublinhando o grande mote do conto, aparece em variante, como mais um exercício de linguagem, de tradução/protagonização conceitual, como na fala consolatória de mãe Quitéria que se emparelha, em reiteração:

“— Não fala fácil, meu filho!... Dei’ stá: debaixo do angu tem molho, e atrás do morro tem morro.

— Isso sim... Cada um tem a sua vez, e a minha hora há-de chegar!...” (Rosa, 1995, v. 1, p. 452)

Este mito pessoal – a que os mitos da cultura serviriam como linguagem, segundo Jung – apresenta-se aqui em suas duas dimensões: a que diz respeito a mais uma mitologia e a que diz respeito a uma exemplaridade, construídas nesta estória de Guimarães Rosa.

Como se vê, o mito pessoal estoriza-se aqui, pelo motivo central do *fatum* em versão de brasilidade.

Compute-se a imagem do sertanejo e seu jumento, perfeitamente integrados em chão de flora e fauna brasileiras, onde se cruza uma população tipologicamente localizável e localizada, na qual os jagunços são o centro e o resto... periferia é.

No Arraial do Rala-Coco – toponimicamente identificável como “locus” sertanejo brasileiro – é que vai cumprir-se o destino de Augusto Matraga, paradoxalmente pelo exercício de uma entendida livre-opção. Aí se consuma o “finalismo” que, no mito estoricizado, se cumprirá. Ou seja, é o espaço em que sua unidade se perfará, segundo uma ética particular do sertão em que o bem – por pressuposto maior, o resgate da família ameaçada – justifica o meio, por pressuposto menor, de passagem pela guerra jagunça, caminho obrigatório da redenção desse herói.

Na rota do fim sacrificial cuja concretude decorre das incertezas (“Aonde o jegue me levar, nós vamos”) manifesta-se a premonição – ou intuição de que falava Guimarães Rosa – da hora e vez de Augusto Matraga, em mais uma linguagem de sua invenção: “Agora sim! Cantou prá mim, passarim!”.

Como eco do mito pessoal de Augusto Matraga reiterado, esta nova invenção de linguagem vale como fórmula poética dos referenciais do sertão, escrita condignamente em Português do Brasil.

Nas amostras referidas, entrecruzam-se, pois, os motivos ditos proverbiais, em Guimarães Rosa: o do cavaleiro andante e seus belos gestos e o da passagem do velho ao novo testamento, sob a perspectiva de poder de um deus, ambigualmente o supremo bem/suprema verdade da concepção platônica e o de uma visão antropológica que comporta, até, o viés onírico: “Deus valentão, o mais solerte de todos os valentões, assim parecendo com seu Joãozinho Bem-Bem”. (Rosa, 1995, v. 1, p. 234)

Mesmo que, por razões de conveniência e verossimilhança, esse viés surtisse como um deus de sonho de Augusto Matraga, o fato é que se trata de um viés pelo qual um deus no e pelo sertão se nacionalizou.

Mas, considerando o *considerandum* das circunstâncias que envolvem o presente trabalho e determinam a contenção de seus limites, urge chegar à hora e vez de aproximar a obra de Monteiro Lobato da obra de Guimarães Rosa, para, ao menos, chegar ao fecho feliz de finalizar por uma sumária comparação.

Preliminarmente cabe dizer que a literatura infantil de Monteiro Lobato valeria como uma dose escolar de transmissão de conhecimentos, buscada em recursos de linguagens adequados a seu público imediato.

Mas cumpre, também – e principalmente –, anunciar que sobretudo interessa o que não é simples transmissão, mas criações e invasões, sob uma perspectiva pela qual se opera aquilo que aqui se designa como nacionalização de conhecimentos universais.



Observem-se os livros de coleção para aferir esse dado: a **História do mundo para crianças**, voltada para a evolução humana e a história da humanidade; **O Picapau Amarelo**, o cotidiano de um sítio que hospeda príncipes e princesas, heróis mitológicos e outros; os **Serões de Dona Benta**, em que a avó encontra os meios de ensinar física à meninada; as **Caçadas de Pedrinho**, que levam ao convívio com os animais; as **Histórias de Tia Anastácia**, para adentrar na cultura popular; **Emília no País da Gramática**, que metaforiza a questão da língua de que é preciso conscientizar; **Os doze trabalhos de Hércules** – 1 a 6 – e 7 a 12, onde se retoma o mundo antigo com a figura do herói grego; **Viagem ao Céu**, onde se cuida dos “mistérios” espaciais, e assim por diante, em largo leque: **Peter Pan**, **Fábulas**, **Dom Quixote das crianças**, **O Saci**, a **Geografia de Dona Benta** e outras das muitas estórias de que vem sendo construído o imaginário, já na infância, entre tantos povos e nações.

Estabeleceu-se aqui selecionar amostras de **O Minotauro**.

Como é geral na obra de Monteiro Lobato, **O Minotauro** também se caracteriza pelo processo da cartola de mágico onde cabem e de onde se tiram *n* estórias que servem para embalar a fantasia e deleitar o mundo das crianças.

Assim, **O Minotauro**, como outros livros do Autor, apresenta uma estrutura aberta, que comporta quantas criações de estória convenha ao Escritor e seus leitores. Cada instância narrativa é como um conto dentro de uma série de relatos equivalentes.

Pareceu pertinente recortar duas dessas instâncias, a XIV e a XV, denominadas “Dona Benta e Sócrates” e “Batatas e Sócrates”, protagonizadas por Dona Benta e Narizinho, em sua convivência com personagens e personalidades do mundo dos gregos que lograram imortalizar-se.

Não obstante as conhecidas pendências, réplicas e tréplicas entre Lobato e os modernistas paulistas, sob dois aspectos a obra lobatiana apresenta analogias com a obra dos Andrades e outras do São Paulo das primeiras décadas do século XX: o vinco antropofágico e o senso de humor com que a deglutição dos estrangeirismos foi encarada por essa geração.

Como se sabe, no conjunto de **O Minotauro**, as mini-estórias de que se faz uma estória começam pela necessidade de resgatar a Tia Nastácia “que se distraíra nas cozinhas do palácio com o assamento de mil faisões, perdeu-se no tumulto” (1997, p. 66). Ignorando-se seu paradeiro, conjecturas macabras levaram a família do Picapau Amarelo a sair em sua busca. Entre as aventuras daí resultantes encaixam-se as seqüências que aqui se lembrarão. Vê-se que Lobato aí instaura as duas mãos de percursos, para estabelecer-se o processo de transculturação.

Dona Benta é recebida por Péricles e Aspásia no ano 478 antes de Cristo – na devida contagem de Péricles, o 3º da 85ª Olimpíada –, dialoga com Fídias e Sócrates e pode adiantar aos gregos de então o que estaria em seu futuro e no da humanidade dela conhecida.

A graça menineira do episódio de “Batatas e Sócrates”, como na história shakespeariana de Caliban, está em que se dá relevo tanto à mão dos conhecimentos de lá para cá, como àqueles que aí se transportam de cá para lá.

Valendo-se de uma prática alimentar européia, como símbolo adequado ao tipo desses viajantes brasileiros em plagas de Europa, a “aula” de Dona Benta a Aspásia vale como um “cotucão” brasileiro, de memória e história, para despertar a consciência, quem sabe adormecida, de que todo contato é interativo e, portanto, inter-conseqüente no processo de aproximação entre povos e culturas diversas.

A pergunta de Dona Aspásia – “Que é batata?” – Dona Benta responde, de imediato:

— Um tubérculo, Dona Aspásia. O tubérculo duma planta da família das solanáceas, que foi o melhor presente da América aos Europeus.

— Por quê? – indagou Heródoto.

— Porque sendo um tubérculo fica enceleirado no solo, não exigindo colheita imediata, como as coisas que dão no ar e se não forem colhidas a tempo secam ou apodrecem. Depois do descobrimento da batata, e de sua introdução na Europa, melhoraram muito as condições alimentares de certos países. A fome que periodicamente os assolava diminuiu. (Lobato, 1997, p. 67)

O contador de estórias dilata a “dissertação” para explorar, com humor, como se pode devolver a imputação de ignorância, de “colonizados” a “colonizadores”, invertendo os sinais tradicionais:

Tudo aquilo que eram tremendíssimas novidades para os gregos, que por muito tempo ficaram no assunto, a ouvir histórias de batatas fritas, batatas sauté, purées de batata, doce de batata – e até dos erros de língua que surgem na conversa e que também recebem o nome de batatas gramaticais. (Lobato, 1997, p. 67)

Para quebrar, em seu caminho, mais auras culturais da Grécia, Dona Benta opina que os deuses gregos, nos tempos dela, “só exercem funções decorativas. Figuram ainda na literatura como imagens poéticas, nada mais. São pitorescas reminiscências do passado”. (1997, p. 67)

Tudo isso com a surpresa de Péricles, temeroso de ver a velhinha incursa em crime de impiedade, mas, de outro lado, com o sorriso complacente de Sócrates – que “metera o bedelho na conversa” – pela identificação de suas “idéias mais íntimas” sobre os deuses, com concepções futuras que as haveriam de consagrar.

Nestas observações sumárias não caberão as engraçadíssimas antecipações históricas que Dona Benta vai apresentar, nos tempos de Péricles, com os gregos da época “de boca aberta” como ensinarão os pósteros, como Platão e Aristóteles, pelas noções de Estado, de República – via utópica platônica – e de Democracia que lhe dão margem, inclusive para ironizar a situação política de nosso País.

Mas o fato é que seu diálogo com Sócrates sobre a concepção de tempo remete o leitor a refletir, também, sobre o tempo das histórias maravilhosas, o tempo do mito, que melhor se entenderá como temporalidade, processo *in fieri* que, no nível do discurso o livre jogo de compatibilizar, num plano de sincronia, as anacronias que servem para relativizar valores absolutizados nas medidas de tempo convencionais.

Hábeis antropófagos rituais culturais, Guimarães Rosa e Monteiro Lobato realizam, como competentes contadores de estórias, o que Alfredo Bosi chamou de “resistência como forma imanente da escrita”. Com as “categorias formadoras do texto narrativo, com o ponto de vista e a estilização da linguagem”, imitaram a vida, “cujo sentido dramático escapa”, segundo o mesmo Bosi, “a homens e mulheres entorpecidos e automatizados por seus hábitos cotidianos. A vida como objeto de busca e construção, e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes”. (Bosi, 1996, p. 13)

No quadro de transfusões culturais de que se tratou, para avaliar protagonismos brasileiros, pode-se também dizer que as obras aqui consideradas cabem nesta mesma rubrica: “narrativa e resistência”. (Bosi, 1996, p. 13)

## ABSTRACT

**I**t may sound surprising to associate writers such as Guimarães Rosa and Monteiro Lobato. But the association may work out as an illustration of this paper.

Our remotest memory of readings has recorded that the charming figures of the European infant and juvenile imaginary, in their cohort of meanings, landed with Lobato to naturalize on the shores of Brazil.

Our more recent memory of readings has also recorded that the ancient Greek or Classical scholars' thought, in their seductive findings, perched upon Guimarães Rosa's vast backlands, blending with features of Brazilian culture. This paper aims at reflecting on such process of Rosa's literary alchemy, focusing on the short story “A hora e a vez de Augusto Matraga”, from **Primeiras estórias**.

**Keywords:** Guimarães Rosa; Monteiro Lobato; **O Minotauro**; “Páramo”; “Fatalidade”.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Álvaro Martins. **Universo, processo e ética no Grande sertão: veredas: uma análise do pensamento de Guimarães Rosa**. 1973. Tese policopiada apresentada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: \_\_\_\_\_. **Itinerários**. Araraquara: Unesp, 1996. p. 11-27.

CANDIDO, Antonio. *Fortuna crítica: Sagarana*. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1. p. 63-67.

LORENZ, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa*. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 1.

MONTEIRO LOBATO. **O minotauro**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

RAVETTI, Graziela. *Territórios textuais, regiões culturais: mulheres intelectuais na narrativa latino – americana contemporânea*. In: \_\_\_\_\_. **América em movimento**. São Paulo: Memorial Sette Letras, 1998. p. 93-109.

ROSA, João Guimarães. *A hora e a vez de Augusto Matraga*. In: **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 1, p. 429-462.